

LEITURAS DO ENEM NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE BIOLOGIA: COMO PENSAM OS LICENCIANDOS DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UFSC?

Marcella Martins Olinto¹

Universidade Federal de Santa Catarina

cellamo@gmail.com

Suzani Cassiani de Souza

Universidade Federal de Santa Catarina

suzani@ced.ufsc.br

Resumo: Este trabalho apresenta alguns resultados de uma pesquisa em andamento cujo objetivo é compreender quais são as leituras feitas pelos licenciandos do curso de Ciências Biológicas da UFSC sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a partir da Análise de Discurso Francesa (AD). Através do acompanhamento da disciplina Prática de Ensino de Biologia, durante o segundo semestre de 2009, realizamos algumas análises de um questionário respondido por oito licenciandos, futuros professores de biologia. Nesse processo, foi possível buscar alguns dos elementos que contribuíram para a construção de sentidos dos licenciandos sobre o ENEM, além do grau de familiaridade com as provas e sua fundamentação teórica. Os resultados obtidos revelam que parte dos licenciandos é a favor do ENEM como exame nacional e como recurso didático em sala de aula. Estes argumentam que “é uma forma mais inteligente de avaliar o conhecimento” e “multidisciplinar”, quando comparada ao vestibular e os seus “conteúdos que devem ser memorizados”. A outra parte dos licenciandos considera que as questões do ENEM exigem “pura interpretação de texto”, abordando, no máximo, “conceitos muito primitivos na vida escolar”. Foi possível verificar ainda, como aluna do curso de licenciatura, divergências entre o discurso dos professores do curso e o de certos licenciandos, pois enquanto os primeiros buscam reforçar o trabalho com a interdisciplinaridade, existe uma zona de conforto onde os licenciandos demonstram não se identificar com questões interdisciplinares. Isso pode ser explicado pelas suas histórias de leituras, desde que iniciaram sua vida escolar até hoje, como estudantes universitários. Porém, nos aponta que apesar de muitas reflexões e críticas serem feitas sobre a fragmentação no ensino, elas ainda precisam alcançar o campo da prática, tanto na universidade quanto nas escolas.

palavras-chave: formação de professores. ENEM. análise de discurso. prática de ensino.

¹ Bolsista de iniciação científica CAPES.

1 Introdução

Os atuais sistemas nacionais de avaliação, especialmente o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), tem dado ênfase a competências e habilidades relacionadas à leitura de textos e imagens associadas aos conhecimentos tecnológicos. As provas diferenciam dos vestibulares convencionais por abordarem assuntos atuais e relevantes de maneira interdisciplinar e contextualizada, e por ter como objetivo “avaliar o desempenho do aluno ao término da escolaridade básica, para aferir o desenvolvimento de competências fundamentais ao exercício da plena cidadania” (BRASIL, 1999b, p.1). Porém, a partir de um levantamento bibliográfico realizado durante no primeiro semestre de 2009, observamos que existem poucos trabalhos que abordem a formação inicial de professores e o ENEM. Fazer com que os futuros docentes tenham um profundo conhecimento da prova do ENEM e utilizem-na em sala de aula, é um dos objetivos da Licenciatura, e em especial da disciplina de Prática de Ensino de Biologia. Porém, consideramos para nossa pesquisa que é necessário verificar que sentidos e leituras esses alunos já possuem acerca dos processos avaliativos nacionais como um todo e, mais especificamente, o ENEM, e a partir deles, buscar aprimorar a formação dos futuros professores.

A associação entre ensino de conhecimentos científicos e formação do leitor, ainda carece de estudos mais aprofundados e condições para que futuros professores de Ciência ou Biologia possam elaborar suas práticas a partir de suas próprias reflexões associadas a sua realidade escolar. O resultado dessas condições é a falta de desejo de incorporar, por parte dos professores, práticas de leitura e escrita adequadas à formação do leitor em ciência, na preparação de suas aulas.

Em março de 2009, visando suprir essa carência, iniciou-se o projeto de pesquisa em rede “*Processos avaliativos nacionais como subsídios para a reflexão e o fazer pedagógicos no campo de ensino de ciências da natureza*”, submetido ao Programa Observatório da Educação (CAPES/INEP) por três programas de pós-graduações: PPGECT/UFSC, PPGEHCT/Unicamp e PPGE/UFSCar. O programa visa ao desenvolvimento de estudos e pesquisas na área de educação que prevê a utilização dos dados do INEP. No projeto participam professores dos três programas de pós-graduações, doutorandos, mestrandos e alunos de iniciação científica, bem como professores da rede básica de ensino. Contemplando-se, dessa forma, preocupações com a formação continuada

de professores do ensino básico, de forma diferenciadas em cada núcleo, e a inserção deles no desenvolvimento de pesquisas por meio da utilização dos sistemas de avaliação nacionais, como, por exemplo, o ENEM.

Para essa linha da AD (francesa), a possibilidade do surgimento de diferentes interpretações a partir de um texto (imagético, oral, escrito, etc) é uma consequência dessa relação complexa que se estabelece entre sujeitos e textos. Mesmo que existam alguns sentidos que são dominantes, os licenciandos possuem suas histórias de vida e leitura, e essas interferem na forma como entendem o ENEM e se relacionam com as suas questões.

2 Método

A pesquisa foi realizada durante as aulas da disciplina de Prática de Ensino de Biologia, ministrada aos alunos licenciandos do curso de Ciências Biológicas da UFSC. Nesses questionários os alunos relatarão suas impressões e opiniões sobre o ENEM e as formas como entraram em contato com esta avaliação anteriormente, bem das potencialidades de utilizar suas questões em sala de aula. Para a Análise de Discurso, os sujeitos não são donos do discurso que possuem e, através do esquecimento número um, ou esquecimento ideológico (ORLANDI, 2007) temos a ilusão de ser a origem do que dizemos. A partir desse pressuposto, fizemos algumas análises das respostas dos licenciandos, considerando também, que o dizer sempre poderia ser outro.

Algumas observações puderam ser feitas quando os alunos receberam o questionário impresso e enquanto elaboravam suas respostas.

3 Resultados e discussão

Oito alunos matriculados na disciplina responderam ao questionário, seis no mês de setembro, correspondente ao início do semestre letivo, e dois em novembro, correspondente ao final. Para facilitar a compreensão das análises feitas, dividiremos o questionário em duas partes: a primeira, para investigar que sentidos os alunos já possuem sobre o ENEM; e a segunda, a partir de uma questão dada como exemplo.

A primeira parte do questionário foi elaborada considerando, a partir da formação discursiva dos entrevistados – alunos licenciandos do curso de Ciências Biológicas – que a maioria deles já havia tido algum contato com o exame. Após os dados do aluno, o

questionário iniciava-se com a pergunta: “Você conhece o ENEM? Como tomou conhecimento do exame?” Todos os alunos afirmaram ter conhecimento do ENEM, principalmente através da escola em que estudavam, sendo que alguns inclusive realizaram a prova ao concluírem o Ensino Médio. Uma aluna relacionou outro exame nacional, o SAEM, realizado somente no estado de São Paulo, e outros com a mídia, como propagandas de televisão, sendo que apenas uma aluna lembrou-se do contato com o ENEM nas disciplinas de educação que teve durante o curso.

Na segunda pergunta – “caso conheça o Exame, o que você acha das questões?” - os licenciandos posicionaram-se de diferentes maneiras. João Vicente disse que ainda não entrou em contato com nenhuma questão do ENEM, assim como Giovana negou conhecer as provas. Convém lembrar que a questão dada como exemplo no final do questionário será o primeiro contato feito pelos dois e, portanto, a última parte será analisada separadamente das outras.

Ana Paula preferiu dizer que algumas questões são “muito boas”, mas que outras “ficam meio soltas” – e que então uma questão boa seria contextualizada? Tatiana fez uma comparação os vestibulares “convencionais” e o ENEM. Nesse caso, percebe-se entre o não-dito, ou seja, procurando compreender aquilo que não está dito - mas que poderia ser dito ao invés do que foi dito por ela – o ENEM seria o oposto, uma prova não-convencional, não-conservadora e até mesmo ideal. Enquanto o ENEM é considerado por Tatiana uma “forma mais inteligente de avaliar o conhecimento” os vestibulares estariam avaliando “a capacidade do aluno de decorar”, o que mostra que o ensino, para ela, não deve mais investir nos conteúdos decorados, pois isso sabe-los não é sinônimo de inteligência.

Para Vicente, o ENEM possui uma característica clássica que também está presente nos vestibulares - apesar de considera-lo “melhor” que estes - que os aproxima: as questões de múltipla escolha. Contudo, ele não parece considerar que esta é a opção mais viável para o grande número de estudantes que realizam a prova em todo o Brasil. Vicente também parece concordar com Tatiana no que diz respeito às características do ENEM e acrescenta que suas questões também envolvem “raciocínio lógico e conhecimento dos acontecimentos atuais”.

Fernanda, por sua vez, é a única a abordar uma questão muito discutida na área de pesquisa em educação. Por que os alunos acham o ENEM tão complicado? Silva & Ribas (2003) concluíram que os professores não estão preparados para lidar com o ENEM, pois não tiveram uma preparação satisfatória com “ações pedagógicas interdisciplinares e contextualizadas” durante a graduação; e que tampouco consideram que seus alunos aprovariam um trabalho com a prova, pois o interesse maior continua sendo o vestibular, que os professores classificaram como sendo elaborado de “forma bem tradicional”. Fernanda opina que o ensino básico sofre com uma carência de trabalhos com questões envolvendo leitura e interpretação de texto, como seria para ela o ENEM: uma prova que ela considera “boa”, mas que “não cobra muito conteúdo”, e que determinados assuntos exigem uma abordagem tradicional – o que coincide com o discurso de Tatiana. Percebe-se que Fernanda, assim como a maioria dos estudantes que querem ingressar na universidade, relaciona conteúdo a uma visão empírica e quantitativa do conhecimento, e que contextos que favoreçam a interpretação não envolvem necessariamente um conhecimento escolar prévio do aluno, ou até que algumas disciplinas escolares não teriam conteúdo algum. Na verdade, a fragmentação do ensino em disciplinas causa esse desconforto devido a não-familiaridade de alunos e professores com uma prova que não está segregada, e na qual as questões envolvem habilidades e competências referentes à aprendizagem, e não apenas conteúdos memorizados.

Marcelo demonstrou desaprová-lo o modelo da prova e relata que no ano em que realizou o exame, sua opinião é de que as questões são “bastante simples e fáceis”. Com relação ao conteúdo do ENEM, considera que existem “conceitos muito primitivos da vida escolar”.

Finalizando a primeira parte, fizemos a seguinte pergunta: “O que você sabe sobre habilidades e competências?” Três alunos disseram não saber do que se trata, enquanto o restante arriscou uma resposta. Fernanda responde corretamente com a pergunta: “estão previstos nos PCN, não é?” Segundo o Documento Básico do ENEM:

O modelo da Matriz contempla a indicação das competências e habilidades gerais próprias do aluno, na fase de desenvolvimento cognitivo correspondente ao término da escolaridade básica, associada aos conteúdos do ensino fundamental e médio, e considera, como referências norteadoras, o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os textos da Reforma do Ensino Médio e as Matrizes Curriculares de Referência para o SAEB (BRASIL, 2000).

O resto dos alunos vai um pouco além, mas não citam os Parâmetros Curriculares. Para eles, habilidades e competências seriam “qualidades”, “dons natos” ou “desenvolvidos” e “capacidades psicológicas para articulação de atividade”. Segundo o documento oficial, as competências são as modalidades estruturais da inteligência, enquanto as habilidades referem-se às ações e operações que moldam as competências. Os licenciandos aproximaram-se dessa definição quando relacionaram à forma como devemos ensinar e como a prova deve “medir e cobrar os conteúdos”, apesar de não diferenciarem claramente os dois termos. O não-conhecimento das LDB e dos PCN revela que além de não conhecer seus direitos básicos como estudantes, os futuros professores não se interam nem estão preparados para aplicar a atual proposta do governo.

A segunda parte do questionário traz uma questão da prova de 2007, sobre a maneira encontrada por uma comunidade de adaptar-se às adversidades ambientais da sua região a partir de uma mudança na sua atividade econômica. O contexto que acompanha a questão – apesar de não ser uma característica de todas as questões do ENEM – é essencial para que o aluno responda-a corretamente. Cinco alunos assinalaram a alternativa C, considerada a correta segundo o gabarito oficial do ENEM, que justificam ser a “melhor resposta”, “a única alternativa que não apresenta erros” e que a resposta é clara a partir da interpretação feita do texto. Outros três alunos optaram por assinalar duas alternativas, C e D, pois a questão estava “mal formulada”, inclusive João Vicente e Giovana. Conforme comentamos anteriormente, a dificuldade em entender a questão deriva do costume em realizar apenas provas de vestibular, e de um histórico de um ensino fragmentado. A postura destes alunos é de que um contexto que possibilite diferentes pontos de vista são úteis para suscitar discussões em sala de aula, mas não é o ideal para ser usado em provas.

Para finalizar, queríamos saber qual a opinião dos alunos sobre a questão que haviam respondido; que assuntos abordariam em sala de aula, caso fosse trabalhar com ela. Condizendo com a sua formação de biólogos, surgiram muitos assuntos relacionados à área – como ecologia, aquecimento global e ambientes de estuário – mas a maioria que seria possível relacionar esses temas às questões econômicas, como a produção de alimentos e indústrias, sociais, culturais, geográficos e até mesmo interpretação de texto.

4 Conclusões

A despeito de muitas pesquisas em educação, ciência, tecnologia e ensino de ciências serem feitas, os professores (e futuros professores) de biologia ainda necessitam dos conteúdos técnicos e científicos para lecionar, e preocupam-se com o excesso de interpretação de texto e a falta de conceitos e conteúdos cobrados pelo ENEM, caracterizando o ensino como transmissão de saberes. Segundo Silva & Ribas:

Apesar dessa preocupação com a contextualização dos conteúdos, que devem contribuir para o desenvolvimento pessoal do aluno e para o incremento de sua participação social, grande parte de nossas escolas continuam dominadas por uma concepção pedagógica tradicional. (SILVA & RIBAS, 2003, p.81).

Como aluna do curso de Ciências Biológicas da UFSC, sei que essa não é a postura adotada pela maioria dos professores responsáveis pelas disciplinas do curso de licenciatura, cuja preferência por trabalhos que envolvam interdisciplinaridade e contextualização é clara. Vemos que há, então, uma discordância entre o tipo de profissional que o curso se propõe a formar e o que realmente está formando. A explicação envolve, em uma pequena parte, o currículo do curso e a sua eficiência, mas em uma grande parte as histórias de leituras destes estudantes, que tiveram uma longa jornada escolar, fizeram cursinhos preparatórios para o vestibular que exigem escolhas sobre o que é mais “importante” estudar quando se tem pouco tempo. Desde o início, até o final de sua vida acadêmica, instalaram-se em uma zona de conforto onde os licenciandos demonstram não se identificar com as questões interdisciplinares do ENEM, por exemplo, e faz com que não as compreendam.

A pesquisa indica que os futuros professores de biologia não tomam conhecimento dos seus direitos e deveres no que diz respeito às leis e aos parâmetros curriculares da educação. Mesmo aqueles que apóiam as ideias inovadoras do ENEM, ainda encontram muitas falhas no exame que, apesar de abordar muitos assuntos interessantes e atuais, não exige aquilo que ainda é considerado como conhecimento. Em contraponto com a interpretação de texto, estudo ou saberes prévios não parecem ser exigidos por parte do aluno, segundo os licenciandos, apesar de ser muito valorizada. Finalmente, a pesquisa indica que mais aplicações no campo da prática se fazem necessárias, se considerarmos os futuros professores de biologia, para que exista uma aproximação maior entre o saber acadêmico e a realidade escolar.

5 Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM:** documento básico 2000. Brasília: INEP, 1999(b).

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas-SP: Pontes/UNICAMP, 2007.

SILVA, E. F. & RIBAS, M. H. A prova do ENEM: o que pensam os professores de matemática? **Olhar de professor**, Ponta Grossa, 6(1): 79-98, 2003.